

Eixo Temático7: Ensino de História e diversidades étnico-culturais**“SER NEGRO É SONHAR!”:
REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA DOCENTE**

Lucas Werlang Girardi¹
(lucaswgirardi@hotmail.com)
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
Mariana Heck Silva²
(marianahecks@gmail.com)
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Resumo: O Programa Institucional de Iniciação à Docência da CAPES é um Programa que visa oferecer a alunos de universidades públicas o primeiro contato com a docência, a fim de oportunizar melhor formação profissional para o trabalho na Educação Básica. O presente artigo tem como objetivo apresentar algumas das experiências dos autores, que participam do Programa através de um projeto organizado pelas professoras Dra. Cristiani Bereta da Silva e Dra. Luciana Rossato, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, que se iniciou no segundo semestre de 2011 com alunos do primeiro ano do ensino médio da Escola Estadual Padre Anchieta, localizada na cidade de Florianópolis. Como recorte do trabalho ainda em desenvolvimento, apresentamos resultados preliminares sobre as ideias históricas dos estudantes sobre a temática afrodescendente e de políticas públicas de ação afirmativas e algumas experiências docentes dos autores. Os recortes foram feitos a partir das percepções durante uma oficina investigativa com a duração de quatro aulas (no caso dos alunos) e a partir de noções e conceitos que foram sendo percebidos, modificados e ressignificados pelos autores durante o período de quatro meses de observação que antecederam a dita oficina.

Palavras-chave: Ensino de História, Ideias Históricas, PIBID, Afrodescendentes, Políticas de Ação Afirmativas.

¹ Acadêmico da 5ª fase do curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina, bolsista do PIBID CAPES/UDESC, orientando das professoras Dra. Cristiani Bereta da Silva e Dra. Luciana Rossato.

² Acadêmica da 6ª fase do curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina, bolsista do PIBID CAPES/UDESC, orientanda das professoras Dra. Cristiani Bereta da Silva e Dra. Luciana Rossato; e bolsista do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros-NEAB/UDESC, orientanda da professora Dra. Claudia Mortari Malavota.

1. O PROGRAMA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a experiência docente dos autores adquiridas durante o Programa de Iniciação a Docência (PIBID)³, com o desenvolvimento do subprojeto História intitulado *Pensamento histórico de jovens e crianças na Educação Básica*, coordenado pelas professoras Dra. Cristiani Bereta da Silva e Dra. Luciana Rossato, docentes da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). As atividades do projeto, ainda em andamento, iniciaram-se no segundo semestre do ano de 2011, na Escola de Educação Básica Padre Anchieta, localizada na cidade de Florianópolis, em Santa Catarina, e contam ainda com a supervisão da professora Valéria de Oliveira Florentino, docente da Escola⁴.

O PIBID, programa ligado ao Ministério da Educação, oferece bolsas aos alunos de faculdades públicas, de cursos presenciais, que se dediquem a atuarem nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério.⁵

A proposta de trabalho para o PIBID do Curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (da FAED/UDESC) é, além de promover o primeiro contato dos acadêmicos com o magistério, oportunizar uma mudança de olhar dos alunos de ensino fundamental e médio sobre a História e a sociedade em que vivem, pensando-a histórica e criticamente. Tal pressuposto está pautado no conceito de consciência histórica, do teórico Jörn Rüsen, para o qual esta seria “a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam a sua experiência de evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de tal forma que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (RÜSEN, 2001, p. 57). Nesta mesma linha de pensamento, Luis Fernando Cerri afirma que a consciência histórica seria construída pelo homem que pertence a um grupo social no qual alguém veio antes dele, e que após ele, outros virão, ou seja, ter consciência de que as ações do passado influenciam o presente e, conseqüentemente, que suas ações terão influência no futuro (CERRI, 2001).

Partindo de tal pressuposto, a proposta de trabalho não é a de criar a consciência histórica nos alunos, mas a de acrescentar elementos capazes de proporcionar, por meio de um

³ O Programa de Iniciação à Docência do CAPES será tratado de agora em diante por sua sigla: PIBID.

⁴ Para o projeto *Pensamento histórico de jovens e crianças na Educação Básica*, foram selecionadas duas escolas da capital catarinense: a Escola Municipal Vitor Miguel de Souza e Escola de Educação Básica Padre Anchieta. Realizamos o estágio na segunda escola, que atualmente se localiza no bairro da Agrônômica, na cidade de Florianópolis, em Santa Catarina. Participou também da oficina a Ana Carolina Plentz de Oliveira, acadêmica da 4ª fase do curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

⁵ **Portal do Ministério da Educação e Cultura**, em: [<http://portal.mec.gov.br/>] acesso em 16 de fevereiro de 2012.

posicionamento crítico, alteração nas consciências históricas já existentes. Para tal intento, o grupo pretendeu levar algumas discussões e elementos para que os alunos pudessem, a partir de suas experiências, promover uma ampla discussão sobre a temática tratada na aula-oficina, qual seja, a questão dos afrodescendentes no Brasil na atualidade e as Políticas Públicas voltadas à essa população.

Para se entender a escolha da temática referida, é importante ter presente as características da escola e da comunidade na qual ela está inserida. A Escola de Educação Básica Padre Anchieta foi fundada com o nome de Escola São Luiz, no ano de 1929, pelo Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Em 1934, já sob a responsabilidade do Estado de Santa Catarina, passou a ser chamado de Grupo Escolar Arquidiocesano Padre Anchieta.⁶ Entre os anos de 1971 e 1974, o Grupo Escolar ampliou o ensino para o que hoje denominamos de Ensino Fundamental, e em 1985, para o Segundo Grau (atual Ensino Médio) passando a ser chamado Colégio Padre Anchieta. Apenas no ano de 2000 o colégio passa a se chamar Escola de Educação Básica Padre Anchieta.

Esta está inserida nos arredores do Maciço do Morro da Cruz, e faz parte das treze escolas que compõem o chamado Fórum do Maciço Central do Morro da Cruz desde 2002, cujo lema é: “Reescrever o mundo com o lápis e não com armas”⁷. Tal união entre as comunidades do maciço possibilita a esta escola alguns direitos em relação a outras da cidade, como por exemplo, o poder de nomeação da diretoria (que em outros casos é indicada pelo governador do estado), o que é visto por seus professores como uma conquista que deve ser comemorada e mantida.

Outra questão a ser considerada é que, segundo levantamento realizado no ano de 1999 por um grupo de professores da Escola, a grande maioria dos seus estudantes são moradores da região, principalmente de quatro comunidades: Vila Aparecida, Morro do 25, Morro do Horácio e Vila Santa Rosa. Historicamente a formação dessas comunidades, e de outras da periferia da cidade de Florianópolis, iniciou-se ainda no final do século XIX, a partir do recebimento de populações de origem africana libertas do cativeiro, bem como da

⁶Sobre a questão da formação dos Grupos Escolares no Brasil ver: ALVES, C.; MAGALDI, A.; GONDRA, J. (Orgs.). *Educação no Brasil: história, cultura e política*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. VIDAL, Diana (org.). *Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância (1889-1971)*. Campinas: Mercado de Letras, 2006. CARVALHO, M. A escola e a república. São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁷ O Fórum do Maciço do Morro da Cruz (FMMC) é entendido aqui como movimento social que formou-se em meados da década de 1990, fruto de um processo de discussão gerado durante o governo da Frente Popular (formada por PT, PPS, PDT, PV, PC do B e PSB) no município de Florianópolis (1993-1996). Para mais, ler DANTAS, Jéferson. **Projeto histórico e construção curricular: a experiência social do Fórum do Maciço do Morro da Cruz**. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 88, n. 218, jan./abr. 2007, p. 122-139.

migração de populações de áreas rurais de outras regiões do estado. Nas primeiras décadas do século XX, no contexto de reformulação urbana da cidade devido o processo de modernização, essa área acabou recebendo ainda mais moradores, de origem africana, em sua maioria, e de baixa renda, que foram paulatinamente sendo expulsos das regiões centrais da cidade passando a compor as suas periferias. Tal processo se acentuou ainda mais nas décadas de 70, 80 e 90 do século XX.⁸ Portanto, as referidas comunidades se caracterizam, entre outras questões, por serem compostas por moradores de baixo poder aquisitivo e que, por essa razão, são marginalizados.

2. A DEMANDA SOCIAL DA ESCOLA E DA SOCIEDADE

Como colocado inicialmente, a proposta do Subprojeto *Pensamento histórico de jovens e crianças na Educação Básica* é ter um contato amplo com os alunos e com o colégio, objetivando acrescentar elementos capazes de proporcionar, por meio de um posicionamento crítico, alteração nas consciências históricas já existentes. Para tal, antes de realizarmos qualquer intervenção mais incisiva com os alunos, observamos o ambiente escolar durante quatro meses, durante o qual pudemos conhecer um pouco da história dos alunos, da professora e do contexto escolar como um todo. Foi neste processo que surgiu a demanda da temática para a oficina, especialmente no que se refere a três questões: primeiro, que nas conversas entre alunos, ouvidas durante o período de observação, foi constatado o uso de apelidos e brincadeiras depreciativas entre os mesmos; segundo, que por conta das comemorações do dia da Consciência Negra (20 de novembro), era necessário realizar atividades para que este dia não fosse visto como um mero feriado, mas sim que sua existência é resultado da luta de um grande grupo de pessoas; e a terceira está pautada numa perspectiva histórica que, de certa forma, está relacionada com as duas anteriores: as populações afrodescendentes, sua presença histórica e suas influências culturais foram ignoradas pela historiografia catarinense até muito pouco tempo atrás.

Segundo Ilka Boaventura Leite,

O negro é invisibilizado, seja porque não intencionam revelar a efetiva contribuição destes, seja porque os textos vão se deter na sua ausência, na

⁸ Sobre essa questão ver: NECKEL, Roselane. **A República em Santa Catarina: modernidade e exclusão (1889-1920)**. Florianópolis: EDUFSC, 2003. CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Negros em desterro. Experiências de populações de origem africana em Florianópolis, 1860/1888**. Tese de Doutorado na PUC/SP. São Paulo, 2004.

reafirmação de uma suposta inexpressividade. (...) Ou seja, não é que o negro não seja visto, mas sim que ele é visto como não existente. (LEITE, 1996, p. 38-41 Apud MALAVOTA, 2007).

Evidentemente, essa perspectiva de abordagem inferiorizante e invisibilizadora vem sendo desconstruída por inúmeros trabalhos historiográficos, bem como pelo uso de diversas fontes de pesquisa. No entanto, nas escolas a ainda predominante “A branquitude dos conteúdos, dos cartazes, do livro didático e, a forma estereotipada da presença das populações de origem africana nesses materiais, a ausência da história de África e das populações de origem africana na diáspora, informam às crianças sobre seu papel e lugar no ambiente escola” (MALAVOTA, 2007).

A invisibilização da presença e influência africana em nossa sociedade se reflete, por exemplo, nos currículos escolares, os quais foram criados a partir de uma perspectiva eurocêntrica, na qual as histórias, independente dos demais atores, terão o foco europeu. Inúmeras temáticas podem ser utilizadas como exemplo, mas podemos citar duas que são bem frequentes: o colonialismo em África, que é frequentemente visto apenas a partir da demanda da economia européia e o “descobrimento” da América, que é tida como uma etapa da expansão marítima da Europa.

Tal perspectiva de ensino acaba por invisibilizar a existência e importância histórica para a formação da sociedade brasileira, no passado e no presente, de outros sujeitos históricos. De certa forma, acaba por reforçar o racismo presente na sociedade brasileira, que deve ser, a nosso ver, problematizado e combatido. Pensar no material didático e nas práticas de ensino que estão sendo utilizados em sala: como o aluno afrodescendente ou a aluna descendente de indígena se sentem em um ambiente onde as pessoas e os materiais (dos livros, dos filmes, das revistas, da sala...) fazem referência positiva apenas as histórias e memórias dos brancos/europeus? Como essas crianças se sentem ao ter o seu direito ao passado e a sua memória silenciados? Entendendo a escola como um local de sociabilidade, de convivência com o diverso, deve-se pensar qual seria o papel do professor frente a tais problemáticas.

3. A INTERVENÇÃO

Tendo em vista as questões suscitadas no momento da observação, e a importância do papel das instituições superiores no que diz respeito ao auxílio para o cumprimento da lei

10639/03 (modificada pela lei 11.645/08)⁹, o grupo optou por realizar uma aula oficina a respeito da questão afrodescendente e de políticas públicas de ação afirmativas no Brasil.

O grupo com o qual trabalhamos era composto por alunos de uma turma de primeiro ano de ensino médio. Houve uma considerável variação, ao longo dos meses de observação, do número de alunos que efetivamente frequentavam as aulas, girando em torno de 25. O questionário sócio-econômico (ANEXO 1) aplicado na turma possibilitou levantar algumas características dos alunos: a faixa etária varia entre 14 e 19 anos; a grande maioria é nascida em Florianópolis e moram com a mãe (alguns com o pai e irmãos); residem perto da escola e se deslocam a pé para estudar; os pais possuem baixa escolaridade, a maioria com ensino fundamental incompleto; e mais da metade dos alunos já repetiu de ano ao menos uma vez.

É preciso considerar a importância da aplicação do questionário socioeconômico para a nossa ação, isto porque o objetivo deste é nos fornecer mais informações para que possamos compreender melhor quem são os sujeitos que estamos lidando, quais são os meios que participam, quais as condições sociais, os arranjos familiares, enfim, através do questionário, é possível compreender algumas características dos alunos, o que torna mais fácil compreender seu contexto e, portanto, abordar assuntos que são de seu interesse e que serão úteis para a sua vida cotidiana.

Para nortear nossa ação com os alunos, usamos a Unidade Temática Investigativa¹⁰ como norteador para as discussões. Tendo isso em vista, o primeiro passo foi a realização de um questionário de investigação dos conhecimentos prévios dos alunos (Barca, Fernandes, Schmidt), isto porque é importante ter esse conhecimento para percebermos como os alunos sabem determinadas coisas, porque este se caracteriza, principalmente, por ser uma construção pessoal e possuir uma lógica e uma coerência do ponto de vista do aluno.

Iniciamos então a nossa Unidade Investigativa com um questionário, no qual estavam propostas seis questões elencadas a seguir: 1 “Escreva o que se lembra sobre os temas, ou o que eles te fazem pensar: África/Afrodescendentes”, 2. “Pra você, o que é ser Negro?” 3. “Você já sofreu algum tipo de preconceito? Qual? Você respondeu alguma coisa? O que?” 4. “O que você acha dos movimentos sociais? Acha que eles resolvem alguma

⁹ Os autores optaram por utilizar a lei 10.639/03 no corpo do texto por ser a lei que marcou a história do Brasil e da luta do movimento negro brasileiro, constituindo-se em uma das conquistas mais significativas do Movimento no século XXI. É importante salientar, no entanto, que tal lei sofreu modificações em 2008 inserindo nas suas diretrizes a questão indígena. Sobre isso ver o texto da Lei 11.645/08, que torna obrigatória no currículo da rede de ensino a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

¹⁰ A Unidade Temática investigativa trata-se de uma atividade desenvolvida por Lindamir Zeglin Fernandes, apresentada por Maria Auxiliadora Schmidt em uma oficina realizada na UDESC em Agosto de 2011 na qual tivemos oportunidade de participar.. Os procedimentos investigativos relatados a seguir estão pautados a partir da ideia da referida autora.

coisa?” 5. “O que você sabe sobre a África? Onde aprendeu o que escreveu?” 6. “O que você sabe sobre preconceito racial? Onde aprendeu o que escreveu?”

Aplicado o questionário inicial, alguns dados chamaram particularmente a nossa atenção. Quando perguntadas quais as cinco primeiras palavras que vinham à cabeça quando pensavam em África, as seis palavras mais citadas foram: fome, pobreza, cultura, exploração, guerra e escravidão. Quando perguntados quais as cinco primeiras palavras que vinham à cabeça quando pensavam em afrodescendentes, as mais citadas foram: negros, preconceito, cultura e exploração. Perguntados então sobre o que achavam de movimentos sociais, se estes resolveriam alguma coisa, alguns alunos deram respostas bastante interessantes¹¹, como:

Porque as pessoas se juntão com um objetivo fixo, querem a mesma coisa e será muito mais fácil quando estão unidos.

Acho que não teria muita coisa sem eles, ia parecer que somos robôs controlados pela rotina.

Os movimentos sociais vem o objetivo de ajudar a mostrar que todos nós somos iguais independente de cor de raça, mas eu acho que eles não ajudam muito.

Estas respostas nos fornecem pistas sobre a percepção ou a consciência que os alunos possuem acerca dos movimentos sociais, qual seja, a de as pessoas, a partir de seus ideais e união, podem mudar a sociedade. Aqui está presente uma ideia significativa: a de comunidade.

Se tomarmos como pressuposto a ideia de Rüsen de que a consciência histórica tem dois objetivos fundamentais: a orientação da vida prática no tempo e a construção de identidade, podemos pensar que os alunos, a partir da noção prévia de comunidade, somada a uma construção histórica positivada da sociedade em que vivem, possam então se ver como sujeitos de sua história.

Pois bem, tendo as respostas dos alunos em mãos, realizamos o Segundo Momento da Unidade Investigativa no qual problematizamos as informações objetivando tabular as respostas a fim de discutir as diferentes concepções apresentadas sobre o mesmo tema para que pudéssemos apontar questões a serem discutidas e problematizadas na aula que daríamos.

¹¹ A grafia das palavras está idêntica ao original.

Esta atividade de análise do questionário nos possibilitou pensarmos o papel do professor em sala de aula, a importância de pensar sobre a forma como os temas devem ser trabalhados.

Tendo isso em mente, passamos para o terceiro momento da Unidade Temática Investigativa, durante o qual realizamos recortes temáticos, priorizando uma história recente, século XX e XXI, pensando no movimento negro na sociedade brasileira, compreendendo a sua importância, suas permanências e mudanças. Tal recorte – o foco nos séculos XX e XXI – foi resultado da preocupação do grupo em, partindo do conhecimento histórico prévio dos alunos, trabalhar conteúdos e experiências que pensamos ser importantes para o desenvolvimento deles enquanto sujeitos históricos.

Optamos pelo foco no movimento negro que tornou as políticas de ação afirmativas possíveis, políticas estas que estão presentes nos noticiários e em suas vidas, enquanto estudantes de Ensino Médio que prestarão vestibular em breve. Além disso, como visto anteriormente, os alunos são provenientes de comunidades historicamente compostas por populações afrodescendentes e de baixa renda.

Os procedimentos dos trabalhos foram pensados da seguinte forma: na primeira aula foi realizada uma discussão entre os bolsistas PIBID e os alunos a respeito de alguns conceitos considerados “conceitos-chave” (África, negros, afrodescendentes, preconceito racial, movimento social e movimento negro), demanda surgida a partir da aplicação do questionário; na segunda aula tínhamos em mente trabalhar com políticas de ação afirmativas e outras conquistas do movimento negro ao longo de muitos anos de luta, porém, a partir de demanda apresentada durante a discussão da primeira aula, optamos por problematizar a África como agente de suas mudanças históricas, focando no colonialismo.

No dia da primeira aula¹², quando trataríamos dos conceitos-chave, iniciamos as atividades com um breve comentário sobre a importância de se tratar da temática referente a história das populações de origem africana exatamente por este ter sido, durante tanto tempo, invisibilizado ou tratado apenas a partir da perspectiva inferiorizante. Daí a importância de se estudar o Movimento Negro e as ações empreendidas por estes, mas também pela sociedade civil, em prol de direitos e garantias de cidadania.

A aula prosseguiu com a problematização do termo “negro”, entendendo-o como um termo político e datado, que foi apropriado pelo movimento Pan-Africanista e ressignificado a fim de criar uma noção de unidade e positividade cultural e de origem, através do qual uma grande parcela da população se identificava.

¹²Neste dia, infelizmente, houve um esvaziamento bem considerável do número de alunos em aula porque estava chovendo muito e a grande maioria destes se desloca a pé para a escola.

O movimento Pan-Africanista foi o terceiro ponto tratado na aula, pensando quem eram as pessoas que dele fizeram parte, quando surgiu e quais os seus objetivos. Tentou-se, brevemente, traçar um relato em que ficasse evidente o contexto do surgimento do Movimento e suas influências no Brasil, especificamente pela figura de Abdias Nascimento.

Por fim, terminamos a aula apontando para os alunos a importância e compreender o porque era necessária a afirmação da positividade africana e afrodescendente e a utilização de Políticas de Ação Afirmativa no Brasil. Pensamos e planejamos a aula para que houvesse a discussão entre os participantes, mas esta não ocorreu, já que a sala estava com poucos alunos, e os que estavam presentes não cederam às nossas “provocações”. Pelo que pudemos perceber, nem os alunos afrodescendentes nem os demais se sentiram à vontade com o tema proposto por nós, não podemos afirmar o motivo, mas o tema gerou constrangimento generalizado. Podemos, no entanto, supor que o motivo do constrangimento seja: para os primeiros, que não se sentiram à vontade ao se verem como os sujeitos da discussão, o que não estão acostumados, e para os demais, que também não estavam acostumados a lidar com o “outro” e sua história tendo os próprios como agentes. Mais uma vez percebemos o quanto a história eurocêntrica está internalizada nos alunos e o quanto uma história que fuja disso lhes parece estranha, motivo este que nos faz insistir cada vez mais no tema, de tamanha importância para a constituição de identidades de cada um dos sujeitos, afrodescendentes ou não.

Para a segunda aula, o grupo planejou-se para a mesma resposta dos alunos (o silêncio ou a ausência), preparando uma atividade com frases a serem discutidas, porém neste dia, a sala estava cheia e o que seria uma breve revisão de alguns conceitos do dia anterior, focando na África como agente de sua história, se tornou uma ótima discussão entre os bolsistas e os alunos. O foco central da discussão acabou se direcionando para o estabelecimento de políticas de ação afirmativa nas universidades, especificamente as cotas “raciais”. Houve um amplo debate, com vários alunos dando suas opiniões e com a professora Valéria participando ativamente da discussão.

O quarto momento da Unidade Investigativa é a meta-cognição, quando o aluno passa por um processo de autorreflexão acerca da relação dos conteúdos trabalhados. Neste sentido, depois de realizadas as duas aulas, aplicamos um segundo questionário (ANEXO 3) que teria como função fornecer instrumentos que nos possibilitassem pensar qual foi a nossa contribuição efetiva para a ampliação da consciência histórica dos alunos.

Com o resultado do questionário final, percebemos que poucos foram os alunos que efetivamente tiveram uma mudança nas perspectivas iniciais. Não temos dados muito

precisos, pois no questionário prévio não havia a obrigatoriedade de colocar o nome, o que dificulta observar as mudanças de cada aluno, mas alguns tiveram mudanças significativas, principalmente quanto a pensar as Ações Afirmativas como uma demanda histórico-social, percebendo que o lugar do afrodescendente também é nas universidades.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o término da Unidade Investigativa, quando o grupo se reuniu para fazer um balanço do que havia dado certo e o que não havia dado tão certo, percebemos que apesar de muitos dos argumentos usados e discutidos em sala não terem sido totalmente apropriados pelos alunos, oportunizamos espaço para eles pensarem tais assuntos por outras perspectivas. Perceber de onde falamos e, principalmente, de onde eles nos ouvem, foi essencial para repensarmos a forma de abordagem para com eles para as próximas oficinas, já que o grupo modificou pouco para o ano de 2012.

Finalizada esta etapa, percebemos que mesmo a oficina não tendo saído como planejado, a discussão que houve entre os bolsistas, a professora da turma e os alunos, foi enriquecedora para todos. Alguns alunos se identificaram com o tema, outros que haviam ficado envergonhados se soltaram, outros ficaram ainda mais envergonhados. As pessoas são diversas e foi a diversidade que encontramos na sala que nos dará ainda muitos motivos para insistir cada vez mais no assunto do racismo.

Referências:

ALVES, C.; MAGALDI, A.; GONDRA, J. (Orgs.). Educação no Brasil: história, cultura e política. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. VIDAL, Diana (org.). **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância (1889-1971)**. Campinas: Mercado de Letras, 2006. CARVALHO, M. A escola e a república. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRASIL. **Lei nº 10639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10639.htm>. Acesso em Janeiro de 2012.

_____. **Portal do Ministério da Educação e Cultura.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em Janeiro de 2012.

BARCA, Isabel. Aula-oficina. In: BARCA, Isabel (org.) **Para uma educação Histórica de qualidade.** *Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica.* Braga: Universidade do Minho, 2004, pp. 131-144.

CERRI, Luis Fernando. **Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história.** *Revista de História Regional* 6(2): 93-112, 2001. Disponível em: [<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2133/1614>]

DANTAS, Jéferson. **Projeto histórico e construção curricular: a experiência social do Fórum do Maciço do Morro da Cruz.** *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos,* Brasília, v. 88, n. 218, jan./abr. 2007, p. 122-139.

FERNANDES, Lindamir Zeglin. **A reconstrução de aulas de História na perspectiva da Educação Histórica: da aula oficina à unidade temática investigativa.** Disponível on-line: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/158-4.pdf>.

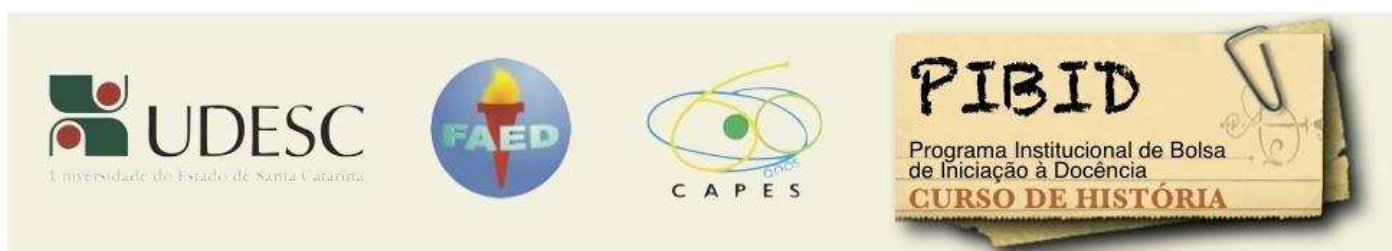
MALAVOTA, Claudia Mortari. **Os africanos de uma vila portuária no sul do Brasil: Criando vínculos parentais e reinventando identidades. Desterro, 1788/1850.** Porto Alegre, 2007. (Tese de Doutorado)

NECKEL, Roselane. **A República em Santa Catarina: modernidade e exclusão (1889-1920).** Florianópolis: EDUFSC, 2003. CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Negros em desterro. Experiências de populações de origem africana em Florianópolis, 1860/1888.** Tese de Doutorado na PUC/SP. São Paulo, 2004.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica.** Brasília: Editora da UnB, 2001. p. 57.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Cognição Histórica situada: que aprendizagem histórica é esta?** In: BARCA, Isabel & SCHMIDT, Maria Auxiliadora (Org.) **Aprender História: Perspectivas da educação histórica.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2009. pp. 21- 51.

ANEXO 1 – Questionário de investigação socioeconômica dos alunos



ESCOLA ESTADUAL PADRE ANCHIETA

PROFESSORA: VALÉRIA FLORENTINO

BOLSISTAS: ANA CAROLINA PLENTZ DE OLIVEIRA, LUCAS WERLANG GIRARDI E MARIANA HECK SILVA

COORDENADORAS PIBID: PROFA. DRA. CRISTIANI BERETA DA SILVA E PROFA. DRA. LUCIANA ROSSATO

TURMA 101

1. Data: _____

2. Ano e/ou Série: _____ Turma: _____

3. Idade: _____ 4. Sexo () Feminino () Masculino

5. Nasceu em qual cidade?

6. Mora nesta cidade desde quando?

7. Mora com quem? Mãe, pais, irmãos, avós, tios? (indicar com quem reside e com quantas pessoas)

8. Bairro onde mora?

9. Meio de transporte casa-escola:

() ônibus () Carro da família () Bicicleta () a pé () Transporte escolar

() Outro. Qual? _____

10. Profissão do pai? _____

11. Profissão da mãe? _____

12. Escolaridade do pai

() Pós-Graduação () Ensino Superior () Ensino Médio

() Ensino Fundamental Completo () Ensino Fundamental Incompleto

13. Escolaridade da mãe

() Pós-Graduação () Ensino Superior () Ensino Médio

() Ensino Fundamental Completo () Ensino Fundamental Incompleto

14. Você repetiu o ano alguma vez? Se sim, em qual ou quais anos/séries?

15. Pratica alguma religião? Qual?

16. Você assiste TV? () Sim () Não

17. Se sim, quantas horas (mais ou menos) você assiste TV por dia? _____

18. Quais os programas de TV que você mais gosta? Cite três, em ordem de preferência

19. Quais filmes você gosta de assistir? Cite o último filme que você assistiu? (DVD; TV; Internet)

20. Você tem computador em casa?

Sim, com internet Sim, mas sem internet Não

21. Quantas horas (mais ou menos) você acessa a internet por dia? _____

22. O que você mais costuma acessar/fazer na internet:

Acessar redes sociais (Orkut, Facebook, MSN... Ler e enviar e-mails;
 Assistir vídeos; baixar músicas etc. Ler jornais, notícias do dia, esportes etc.
 Fazer pesquisas para a escola Jogar.

23. O que você costuma ler?

Gibis HQs, Mangásetc; Revistas
 Jornais Livros

24. Cite as suas leituras preferidas?

25. Quantos livros você lê por ano?

Apenas os obrigatórios indicados na escola; De dois a três livros por ano;
 Nenhum, ou 1, no máximo; De quatro a cinco livros por ano;
 Mais de seis livros por ano.

26 Qual foi o último livro que você leu inteiro?

27. Quantas vezes você foi ao cinema, no último ano?

Nenhuma De duas a três vezes ao ano;
 Vou ao cinema praticamente todos os finais de semana; Entre 6 e 10 vezes ao ano;
 Mais de 10 vezes ao ano.

27. Qual o tipo de música que você gosta de ouvir?

28. Para você, o que é História? O que se estuda em História?

29. Quais os assuntos/matérias que você lembra ter estudado em História, ainda neste ano?

30. Quais os materiais/recursos usados pelo seu professor e que você acha que aprende melhor?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Uso de filmes | <input type="checkbox"/> Livro Didático |
| <input type="checkbox"/> Músicas; | <input type="checkbox"/> Poesias |
| <input type="checkbox"/> Aula expositiva (explicação do professor) | <input type="checkbox"/> Fotografias |
| <input type="checkbox"/> Outros? Quais _____ | <input type="checkbox"/> Contos de ficção, folclore etc |

31. Marque por ordem de importância os lugares que você mais aprende sobre a História

- Em filmes
- Em jogos
- Em livros
- Conversando com pessoas mais velhas
- Em novelas, minisséries etc.
- Revista; Mangás/HQs
- Desenhos;
- Outros? Cite _____

ANEXO 2 – Questionário de investigação do conhecimento prévio do aluno



COLÉGIO ESTADUAL PADRE ANCHIETA

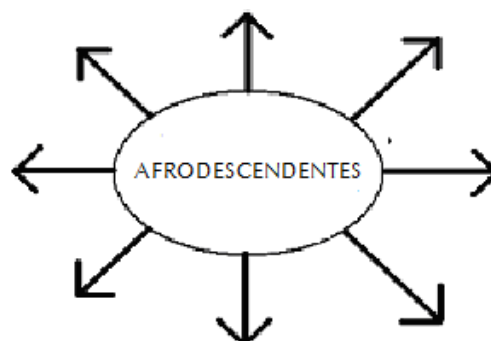
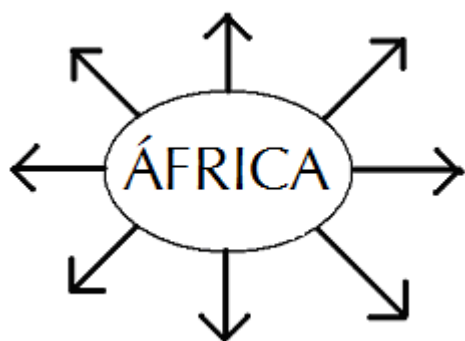
PROFESSORA: VALÉRIA FLORENTINO

BOLSISTAS: ANA CAROLINA PLENTZ DE OLIVEIRA, LUCAS WERLANG GIRARDI E MARIANA HECK SILVA
 COORDENADORAS PIBID: PROFA. DRA. CRISTIANI BERETA DA SILVA E PROFA. DRA. LUCIANA ROSSATO
 TURMA 101

Nome (não obrigatório): _____ Data: 09/11/2011

INVESTIGAÇÃO DO PENSAMENTO PRÉVIO DO ALUNO

1. Escreva o que se lembra sobre os temas, ou o que eles te fazem pensar.



2. Pra você, o que é ser Negro?

3. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Qual? Você respondeu alguma coisa? O que?

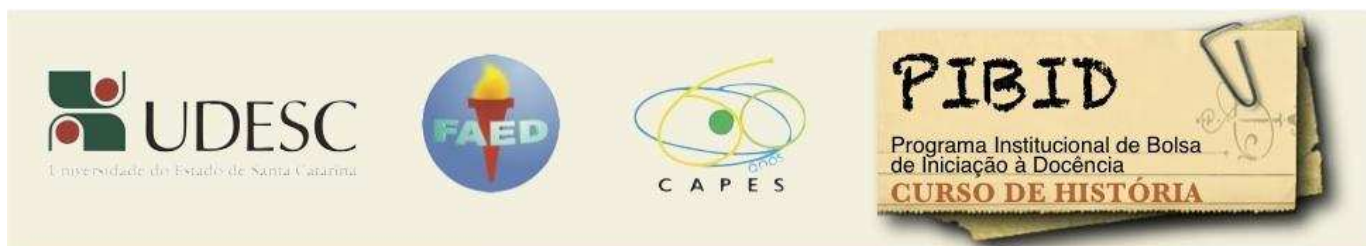
4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Qual?

5. O que você acha dos movimentos sociais? Acha que eles resolvem alguma coisa?

6. O que você sabe sobre a África? Onde aprendeu o que escreveu?

7. O que você sabe sobre preconceito racial? Onde aprendeu o que escreveu?

ANEXO 3 – Questionário de investigação do conhecimento posterior dos alunos



ESCOLA ESTADUAL PADRE ANCHIETA
PROFESSORA: VALÉRIA FLORENTINO

BOLSISTAS: ANA CAROLINA PLENTZ DE OLIVEIRA, LUCAS WERLANG GIRARDI E MARIANA HECK SILVA
COORDENADORAS PIBID: PROFA. DRA. CRISTIANI BERETA DA SILVA E PROFA. DRA. LUCIANA ROSSATO
TURMA 101

Nome: _____ Data: 14/12/2011

INVESTIGAÇÃO POSTERIOR DOS ALUNOS

1. Você foi nas duas aulas que os bolsistas do PIBID deram? Se não, faltou em qual?

2. Ser Negro é ter a pele mais escura? Comente.

3. Acha que os movimentos sociais resolvem alguma coisa?

4. Você acha que o continente africano precisa de ajuda externa? Por quê?

5. Você é a favor das cotas? Por quê?

6. O que você achou da oficina dos bolsistas? Cite ao menos três pontos positivos e/ou negativos.

